OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 203

11 DE AGOSTO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Chronista interino das columnas do OCCIDENTE, onde a leitora se acostumou a admirar o humorismo brilhante de Gervasio Lobato, devo eu esta honra e a leitora esta massada a um triste acaso que obrigou aquelle meu amigo a deixar inesperadamente Lisboa e a ir procurar no ar puro e bom do campo, o restabelecimento para uma sua filhinha — a encantadora Sarah de que elle lhe falou já nas suas Impressões de viagem a Madrid, e a quem ha dias uns pequenos accessos febris roubaram todo o frescor do seu sorriso innocente e a jovialidade traquina de uns cinco annos fortes e sadios. Que em breve volte a alegrar os seus labios infantis esse sorriso descuidado e vivo que, nas creanças é o prenuncio da saude, para que seu pae possa tambem voltar a alegrar a Chronica com o fino espirito do seu grande talento!

Eu não sei bem se estou escrevendo em Lisboa, n'esta bella cidade montanhosa que possue no seu seio os altos de Santa Catharina, Graça, Monte, S. Pedro d'Alcantara e tantos outros onde os meus avós costumavam ir gosar o fresco, nas quentes tardes de verão, ou se estou apenas á sombra de qualquer bananeira da Africa Occidental, onde o thermometro official marca invariavelmente, n'uma assiduidade um pouco rara em empregados publicos, 38 a 40 ou mais graus acima de zero; o que sei é que tenho um calor medonho, impossivel de combater com os sorvetes do Martinho, e renitente a todas as correntes de ar e a todos os banhos frios. Um horror! Brisa nem uma. Familias inteiras teem sahido de casa á procura d'ellas e não as encontram, investigadores infatigaveis procedem a buscas scientificas, e nada; a burguezia anciosa abeira-se do rio, a mais estroina passeia em botes, vae até Cacilhas e por ora, até á hora em que estou escrevendo, não me consta que a achassem. O thermometro continua marcando 38 graus, com um desprezo enorme pelos meus collarinhos que destillam, importando-se muito pouco com saber se tenho ou não assumpto para os vinte e cinco quartos que se desdobram, n'uma alvura escarnecedora, em cima da mesa.

Apesar de tudo, a Esplanada dos Recreios parece ser o local mais fresco para se passar estas noites abrasadoras de Agosto, não pelo local, valha a verdade, mas pela concorrencia que chega ás vezes a provocar arrepios de frio, tão fresca ella é.

As mais ligeiras *toilettes* de verão, corpetes de *grenadine* disfarçando mal braços e pescoços nus, brancos á força de pó de arroz e perfumados em *White-rose* ou *Jokey Club*, passeiam os seus finos cabellos hoje negros como azeviche, amanhã dourados como uma farda de conselheiro do Tribunal de Contas, deixando á sua passagem, involto em pequeninas nuvens estonteadoras, um bello cheiro a Lubin, a tanto o frasco... Simples Galatheas modernas de labios carminados e olhares de um brilhantismo falso como o aço dos espelhos de theatro, que enganam os banqueiros ricos de rheumatismo e de libras, unicos espectadores innocentes das suas comedias, transformadas de quando em quando em tragedias

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AO MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA, NA PRAÇA DE D. LUIZ, EM LISBOA
31 DE JULHO DE 1884

(Desenho do natural por Christino)

muito menos philosophicas do que as de Shakspeare mas, pelo menos, tão interessantes como as de Paul Feval ou de Giacometti.

Quanto a espectaculo, a Esplanada não illude ninguem, é portugueza de lei desde os botequins onde as bebidas refrigerantes são feitas com agua fervida — naturalmente por causa do microbio — e ainda morna, até á banda da guarda municipal, não escapando nem os quatro leões de mr. Seeth que por estarem cá talvez ha umas poucas de semanas, se estão assemelhando muitissimo na pacatez, aos moradores da rua dos Fanqueiros. A unica coisa divertida da Esplanada, é a *procissão*... ou antes o couce de uma procissão, *croquis* movel d'essa parte do espectaculo predilecto da capital, e que teve umas tres ou quatro noites um *successo* louco. A marcha funebre era simulada pela habilidade rara, em imitações, de um rapaz muito conhecido no mundo do Chiado e na realidade, explendidamente imitada; seguiam-se uns cincoenta rapazes em fórma, de bengala ao hombro, marchando todos com uma correcção de recrutas e atraz, formando a *queue* da procissão, *fazendo* de povo, um numero consideravel de amigos e de conhecidos entre os quaes facilmente se apontavam titulares, deputados, jornalistas, professores e uma ou outra celebridade das lettras.

E quando o Carmo dava a ultima badalada da meia noite, lá ia pelo Rocio fóra e Chiado acima, a procissão n'uma ordem que fazia inveja ao mais carola juiz de irmandade... Os guardas nocturnos olhavam-se abysmados e as patrulhas mordiam-se por verem tanto socego! Esta *blague* intrigou por tal fórma a policia e os moradores da baixa que merece bem o registro da chronica.

Com o calor, o microbio baixou muitissino no espirito publico o que não admira em vista da distancia que até hoje felizmente, tem guardado d'este cantinho da Europa. As noticias ultimas da França são tambem mais tranquillisadoras, parecendo fóra de duvida, que o flagello tende a diminuir consideravelmente *malgré* os terroristas que exageram os telegrammas e troçam de Fauvel, do proprio Fauvel que afinal de contas parece ter razão em sustentar que o cholera é apenas sporadico. Comprehendo perfeitamente que ás victimas do microbio, que ella venha da Asia ou que seja apenas local, pouco lhes importa mas ao grande medico francez é que essa differença importa muito porque teria decerto e com muitissima razão, uma grande gloria, em ver agora confirmadas todas as suas supposições, e provada a sua resoluta intransigencia.

Cresce successivamente a subscripção aberta por alguns jornaes diarios, a favor dos pobres pescadores de Caparica, a quem ha algumas semanas, o fogo destruiu as cabanas onde se alojavam, deixando alguns sem camisa para vestir e outros sem tecto que os abrigue de noite. Felizmente a sua desgraça achou logo echo na capital de onde os primeiros soccorros se não fizeram esperar. Immediatamente na manhã seguinte, largava do caes do Sodré um pequeno vapor, onde o nosso amigo o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto — o deputado mais incansavel que o circulo de Almada tem tido — conseguira levar áquella pobre gente honesta e trabalhadora, atirada uma bella noite pelas chammas do incendio, para a mais negra das miserias, uma boa porção de roupas e de dinheiro.

Mas não parou aqui, e ainda bem, a iniciativa do sr. Costa Pinto que tem agora a secundar-lhe os seus esforços humanitarios e patrioticos, uma *commissão permanente* composta de cavalheiros pertencentes á alta burocracia e ao nosso pequeno mundo das letras e das artes. Falla-se já n'um grande concerto que brevemente se realisará no theatro da Trindade, com o concurso das nossas primeiras summidades artisticas e dos amadores mais distinctos; e diversas subscripções formadas particularmente, teem attingido sommas que muito honram a caridade que as inspira. Do secretario da commissão, um dos mais talentosos redactores do *Commercio de Portugal*, recebeu o OCCIDENTE, a carta que se segue:

Ex.^mos amigos e collegas:

Como secretario da commissão permanente de soccorros ás victimas do incendio de Caparica, recebi o encargo, para mim agradavel, de pedir a cooperação de toda a imprensa da capital na obra philantropica que a mesma commissão se propõe fazer, agenciando meios para reconstruir as casas incendiadas, e dar aos infelizes pescadores, que tudo perderam em tão lamentavel desgraça, alguma roupa, louça, mobilia, etc., fazendo cessar assim a sua triste situação.

Nunca se mallograram os appellos á imprensa, tratando-se de caridade, portanto ouso pedir aos meus ex.^mos amigos e collegas, que façam inserir gratuitamente os avisos e annuncios, que da commissão permanente de soccorros dimanarem com o fim a que acima alludo.

Agradecendo em nome da referida commissão, o favor que reputo feito, tenho o prazer e a honra de me subscrever de v. ex.^as

Collega e criado obrigadissimo

Antonio Castanheira.

Acabo de receber agora, quasi ao mesmo tempo duas visitas differentes mas ambas inesperadas: uma pequena brisa, mensageira affavel do grande Borias a quem eu, ainda a suar, agradeço a delicadeza e um telegramma de Londres que a Agencia Havas acaba de communicar ao universo inteiro, com a triste noticia de alguns casos de cholera em Rushton, proximo de Blackburn.

A Inglaterra tem pois a esta hora, dentro das suas ilhas, o terrivel flagello, ella que parecia desdenhar um pouco da influencia malevola do microbio, gabando-se do seu ceu ennublado, da sua temperatura fria, da sua posição independente na carta da Europa, e preferindo a ter de decretar quarentenas em todos os seus ricos portos, o abrir de par em par as suas fronteiras a todo o commercio, sem se importar da procedencia, e sem se lembrar que as condições excellentes do seu paiz não impediram já em 1832, se bem nos lembra, a entrada do cholera, com a aggravante d'essa entrada se ter effectuado nos mezes do mais rigoroso inverno — novembro a janeiro. Prova-se pois na pratica o que a theoria ha muito disse com respeito a esta epidemia; o microbio ri-se dos climas como escarnece das estações. O calor aggrava o mal, mas o frio não o atemorisa na sua marcha destruidora. Benigno como parece ser, sem duvida, o que appareceu em Toulon, ainda assim fraco e cançado lá se arrasta, não poupando o que encontra á mão.

A Inglaterra, diz-se, tem este dilemma, que administrativamente fallando, e desculpe-se-me o adverbio, pode ser excellente mas que sob o ponto humanitario é apenas detestavel para não dizer cruel. Paralysando o commercio ou apenas diminuindo-o por alguem tempo, o prejuizo é este; entrando o cholera e causando tantas victimas, a perca vale isto; logo do mal o menos — viva a liberdade do commercio ainda que morram alguns milhares de almas!

Podem objectar-nos que a Italia apesar de todas as suas quarentenas, não se livrou da doença, sabemol-o, perfeitamente, mas o que não podem conseguir é provar que se a Italia não procedesse com tanta energia, o mal se não teria espalhado muito mais depressa por todo o paiz.

Oxalá no entanto que o microbio não cause grandes estragos na sua nova viagem de vilegiatura pela Gran-Bretanha, e que o nosso governo continue a impedir por todos os meios a visita de tão incommodo hospede.

Emquanto ao calor, o thermometro baixou. — Olhe, leitora, alegre-se, lá vem outra brisa...

Eil-a — É o meu adeus!

João Costa.

AS NOSSAS GRAVURAS

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AO MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

Pelas 6 horas da tarde de 31 de julho ultimo, ao som do hymno nacional e das salvas de artilheria dadas pelos navios surtos no Tejo, el-rei de Portugal acompanhado do ministerio, commissão do monumento, alto funccionalismo civil e militar, camara municipal e membros da imprensa, tomando os cordões que pendiam a bandeira azul e branca, desvendou a estatua do immortal guerreiro de Villa do Conde e do Alto do Bandeira, esculpida em bronze pelo mallogrado artista Ciniselli. E então ao ultimo raio do sol quente de agosto, viu-se brilhar ainda mais uma vez a espada, agora immovel, do aventureiro heroe das campanhas peninsulares como outr'ora ella floreára, corajosa e destemida, n'aquellas alvoradas sublimes da liberdade. Era agora o esculptor intelligente que immortalisava no bronze essa figura intrepida e rigida, que a historia immortalisára em tantos e tão gloriosos feitos consagrados todos á ideia do constitucionalismo. Era a patria que vinha, pelas mãos do representante d'esse constitucionalismo pagar a divida solemne que um dia a posteridade havia de exigir d'ella, em compensação de tanta abnegação e de tantos sacrificios.

O OCCIDENTE insere hoje uma gravura que dá o aspecto da Praça de D. Luiz, no momento da inauguração, onde se reuniu em honra do valente soldado, toda a familia liberal desde os descendentes illustres do imperador, seu companheiro d'armas e da rainha, em cujo vulto sympathico se encarnára a liberdade constitucional até aos descendentes do seu nome glorioso e illustre. Depois de ser lido pelo presidente da commissão, um pequeno discurso a que Sua Magestade respondeu em breves palavras, e de estar assignado por todas as pessoas presentes o aucto da inauguração, el-rei o sr. D. Luiz acompanhado de sua esposa, dos principes, de el-rei D. Fernando, dirigiu-se expressamente ao logar reservado para a familia de Sá da Bandeira, que era ao lado da estatua, a cumprimentar a sympathica filha do heroico general, a ex.^ma sr.^a D. Luiza Fanny de Sá Nogueira, dirigindo a esta senhora palavras muito affectuosas e congratulando-se pelo acto de gratidão publica que se acabava de praticar á memoria de seu pae. Estavam tambem presentes todos os sobrinhos do marquez e entre elles os srs. Ayres, Eduardo, Francisco, Miguel, Ernestino, Henrique de Sá Nogueira e major Ignacio Cabral.

Quando o sol ia já a esconder-se no horisonte e a multidão começava a dispersar-se, uma idéa generosa e caritativa accudiu ao pensamento da illustrada commissão, idéa a que se associou logo o animo caritativo e bom dos principes portuguezes — uma subscripção para a familia do desditoso artista, que uma morte prematura roubára á arte; e aos 540$000 réis da commissão juntaram-se mais 180$000 réis de S. M. a Rainha, eguaes quantias de el-rei D. Luiz e do sr. D. Fernando, subscrevendo tambem o principe real e o sr. infante D. Augusto com 90$000 réis, o sr. infante D. Affonso com 45$000 réis, o sr. Duque de Palmella com 100$000 réis, os srs. Barros Gomes e Pinheiro Borges, secretarios da commissão, com 20$000 réis o primeiro e 10$000 réis o segundo, etc.

A patriotica festa da inauguração ficou assim ligado um generoso acto de philantropia que ainda mais a honra.

Do monumento, como obra d'arte, o OCCIDENTE falará quando der a gravura d'elle.

R.

INCENDIO DA ARMERIA REAL DE MADRID

Já em o nosso numero antecedente a *Resenha noticiosa* registou este successo desastroso que tantas perdas irreparaveis causou, cumpre-nos agora dizer o que era esse soberbo museu que se intitula a *Armeria Real*.

Formava o edificio a um dos lados da praça que tinha o seu nome, com a frente para a fachada lateral do palacio. O edificio fôra construido em tempo de Filippe II para as cavallariças reaes, e foi pelo tempo adeante soffrendo varias modificações; no reinado de Carlos II foi construido o arco que dá entrada para a praça.

Foi ás onze e um quarto da noite de 9 de julho ultimo que as sentinellas e o *sereno* da praça da Armeria avistaram algumas chammas que sahiam pelo telhado que formava o angulo da parte occidental do edificio, precisamente sobre a porta de entrada. Em breve se propagou o incendio, avivado pelo vento forte que soprava do sudoeste; ás onze e meia as chammas tinham invadido quasi toda a cobertura da obra nova; um quarto de hora antes da meia noite a quarta parte do telhado antigo estava ardendo, á meia noite mais de metade do edificio estava, na sua parte superior, dominado pelo incendio.

Justamente, quando o relogio do palacio soava a meia noite, chegava a primeira bomba, sem que até então se tivesse dado signal algum nas cinco torres das egrejas proximas, nem houvesse apparecido auctoridade alguma, nem tão pouco o numero de curiosos passaria de duas ou tres duzias. Que differença do que succede em Lisboa!

A primeira força que apparecera, ás doze e dez minutos foi a dos guardas do rei, perdendo-se bastante tempo antes que se começasse o ataque com acerto. Foi cerca da meia noite e meia hora que se principiou verdadeiramente o trabalho do combate do incendio e da salvação dos objectos do museu. Deve-se pois calcular que o fogo teve uma larga hora á sua disposição para se desenvolver á sua vontade.

Ás onze e um quarto foram quebradas as portas por ordem dos officiaes da guarda, com um machado de um artilheiro, podendo então penetrar no salão principal os soldados da escolta real, do corpo da guarda, de sapadores engenheiros,

artilheiros, marinheiros do museu naval e outros; á mesma hora começaram a funccionar as bombas municipaes, rompendo-se e quebrando-se algumas mangueiras, em quanto os bombeiros trabalhavam heroicamente para impedir os progressos do incendio; foi só á uma hora, quando as chammas invadiram o salão principal, que se julgou opportuno lançar pelas janellas as armaduras e objectos preciosos de que elle era o deposito especial. As duas e um quarto concluiu-se o corte do tecto do salão e ás tres e meia estava dominado o incendio.

Os reis, principes, ministros, damas, gentis-homens de serviço, auctoridades, tudo emfim se apresentou no incendio, e foram testemunhas da má organisação do serviço municipal dos incendios, que invalida os maiores esforços e dedicações.

A *Armeria Real* de Madrid era um museu de primeira ordem, e o primeiro no seu genero que existia na Europa. Guardavam-se alli a espada do Cid, as armaduras de D. João de Austria, a espada e guante de Francisco I de França; armaduras de Carlos V, Gonçalo de Cordova, de Fernando e Isabel a Catholica, do duque de Alba, de Boabdil e de outros reis e personagens importantes dos reinos de Castella, Aragão e Granada, muitos tropheos da conquista d'este ultimo reino, da batalha de Lepanto, etc., etc., alem de uma profusão grande de armaduras e outras peças de todos os tempos e edades.

Achava-se o museu mal classificado e a critica havia notado muitos erros e disparates no respectivo catalogo e classificação; em consequencia d'isso ha dois ou tres annos o governo mandára proceder a uma rigorosa revisão do catalogo, a qual se havia acabado por archeologos competentisssimos poucos dias antes, e parece que no dia anterior á noite do sinistro, tinham sido collocadas definitiva e vistosamente na respectiva sala os monumentos mais importantes d'essa vasta collecção.

As perdas foram grandes e irreparaveis; oxalá, porém, que ellas sirvam de prevenção para se acautelarem todos os edificios e collecções que são fontes da historia, e honra e gloria de uma nação.

A PRIMAVERA

Quadro de Alfredo Keil

Este quadro de dimensões medianas, é apesar d'isso, a nosso ver um dos trabalhos mais importantes do artista, e um d'aquelles que a critica de futuro ha de estudar com attenção, pois n'elle encontrará uma evolução sensivel no estylo do pintor. Este quadro, que não foi exposto ao publico, pois saiu do atelier do artista para a collecção de S. M. el-rei D. Luiz, encerra mais uma prova da flexibilidade de estylo e do constante progresso do nosso estudioso paisagista.

É delicioso o effeito da perspectiva aeria e singular a finura dos tons locaes d'esta formosa tela.

MULHERES GREGAS

ASPASIA, SAPPHO, ERINNA, MYRO, TELESILLA, MYRTIS, NOSSIS, ANYTE, PRAXILA, CORINNA, ANAGALLIS, ARETA, HYPATIA, ELARA, PAMPHILE, ANNA COMNENA, EUDOXIA, IRENE.

(Concluido do n.º 201)

Hypatia, nascida em Alexandria, e que alcançou uma fama semelhante á de madame de Staël em nossos dias, inspira um interesse mais vivo do que aquellas doutas mulheres. Não só era astronoma, geometra, erudita, poetiza e theologa, mas moça, bella, amavel e valorosa. Pereceu victima do seu talento, da sua gloria e do odio ecclesiastico, o mais cruel de todos os odios. O clero de Alexandria, guiado por Cyrillo, a quem chamaram Santo e que era um excellente engenho e um mau homem, sublevou contra ella a plebe fanatica; Hypatia foi feita hastilhas na egreja, no momento em que pregava a virtude e a philosophia. Os despojos do seu cadaver foram arrastados pelas ruas da cidade, por aquella turba de feras com figura humana. De toda a canalha, a mais sanguinaria é a das capitaes, onde reinam os sophistas, triumpha o deleite e onde uma civilização esmerada segue a pista que os pedantes lhe indicam.

Os escriptos de Hypatia foram queimados pela inquisição da sua epocha. O pouco que nos resta das outras escriptoras, é mesmo assim bastante falto de authenticidade. Algumas mulheres, discipulas de Pythagoras, de Platão e de Phocio, redigiram e analysaram os principios dos seus mestres. Temos um trecho muito arido sobre a natureza humana, por Elara, pythagorica, que se servia do dialecto dorico em toda a sua severidade; um pequeno capitulo de *Perictyone*, intitulado *a mulher;* um sermão sobre a necessidade da moderação nas mulheres, por *Phintis*; as cartas de *Theano*, apocryphas; e a epistola a Phyllis por *Mya*, sobre a lactação das creanças. O estylo d'estas composições tem suavidade, tem graça, e não deslustra as auctoras a quem são attribuidas; mas a sua authenticidade nao se acha bem provada. Bentley, que andava á caça das reputações, e descobria apocryphos por toda a parte, não perdoou a essas pobres escriptoras. Desherdou Perictyone da sua gloria, e desbaratou as pretenções de Mya.

Uma supposta carta de Hypatia a Cyrillo tambem foi reconhecida como apocrypha. Tres seculos antes d'ella uma epidauria chamada Pamphyla, mulher do celebre Socrátides, um dos eruditos da sua epocha, recolligiu em trinta e tres livros todos os fragmentos litterarios e poeticos que lhe vieram ás mãos. Não tinha o gosto muito refinado; ou talvez antes se deva crer que pouco cuidava do valor e escolha dos escriptos. Bastava-lhe compilar ao acaso e ajuntar á sua collecção tudo quanto se lhe apresentava. O patriarcha Phocio acha mimo n'aquella confusão. Diogenes Laercio conservou-nos alguns enigmas, logogriphos e lemmas que a Epidauria amontoara na sua Encyclopedia: era um verdadeiro ferrovelho litterario, o modelo de todos os albuns.

Onze seculos depois de Christo, uma mulher Byzantina, nascida em berço regio, e orgulhosa da sua estirpe, do seu saber e da sua formosura, aspirou a alcançar a palma poetica. A *Alexiada* de Anna Comneno é a unica obra completa, escripta por uma grega, que chegou aos nossos dias. A historia byzantina tem um defeito, diz Vigneul de Marville (1), um grande defeito muito incommodo ao leitor; e vem a ser que mais da metade dos auctores d'aquella vasta compilação *não merecem ser lidos.* A extrema mediocridade de Zonaras, de Socrates (o escholiaste) e de outros, faz realçar a prosa de Anna Comneno. Lêde porém essas paginas ao lado das de Platão ou de Thucydides: a laboriosa affectação, o pedantismo exuberante hão de forçosamente desagradar-vos. Em parte nenhuma se encontra simplicidade, nenhuma narração tem fausto; tudo é sacrificado aos adornos do discurso, á longa evolução das metaphoras. Anna Comneno sabia comtudo, quando a occasião o exigia, exprimir-se com uma franqueza brutal. Sabe-se que, descontente da frieza e cobardia feminil de seu marido, Nicephoro Bryennio, lhe censurou essa falta de energia em termos tão ingenuos e claros que nos causaria rubor repetil-os (2).

A unica parte notavel do ultimo romance de Walter Scott (3) é o retrato de Anna Comneno: cheia de vaidade, presumpçosa, educada na eschola dos sophistas do oriente e juntando á subtileza dos theologos gregos a pomposa e metaphorica eloquencia dos escriptores asiaticos. É o verdadeiro symbolo de Byzancio, d'essa Byzancio verbosa e esteril, ociosa e só occupada em bagatelas. Para exprimir a metade de uma idéa Anna Comneno desenvolve em mais de tres paginas os seus incommensuraveis periodos. É curioso comparar os fragmentos de Sappho, por mais mutilados que estejam, com os annaes facundos traçados pela princeza byzantina; annaes que o tempo, em sua aturdida clemencia, salvou integros. Que differença entre a posição, os costumes, as idéas, o estylo d'estas duas mulheres, que sem embargo falavam o mesmo idioma! Lendo-as, imaginais uma — seminua, coroada de flores, a tunica fluctuante, os longos cabellos pretos soltos, rodeada de moços e donzellas, embriagados com a sua gloria e repetindo os seus cantos; a outra no fundo de um palacio oriental, extendida mollemente sobre coxins de purpura, rodeada de eunuchos, de escravos e de famulos, dictando as suas phrases empoladas a um secretario que as recolhe de joelhos. O mesmo contraste se lhes encontra no estylo. Uma tem por musa a paixão; a outra o amor proprio e a rhetorica. N'aquella o conceito é sempre a expressão de um pensamento vivo e terso; n'esta, a tyrannia das palavras sobre as idéas é tal, que as ultimas desapparecem sob as largas dobras das outras. Sappho, em fim, assignala o ponto culminante da litteratura grega, a sua epocha de esplendor e grandeza; Anna Comneno o ultimo periodo e o extremo da sua decrepitude.

(1) Miscellania de Historia e de Litteratura, III, 56.
(2) Annaes de Nicetas. L. III.
(3) O Conde de Paris.

Duas outras mulheres de Byzancio, *Eudoxia*, mulher de Theodosio, e *Eudoxia a moça*, casada com Constantino Ducas e depois em segundas nupcias com Romano Diogenes, escreveram: a primeira, poesias christãs de uma extraordinaria insipidez, a segunda, uma collecção estrambotica, intitulada o *Campo* ou *ramo de Violetas*, com 1:028 assumptos differentes ou capitulos; Villoison publicou-os sem que o orbe litterario ganhasse nada com isso. Os editores de glossarios poderam respigar algumas expressões do Baixo Imperio, alguns restos dos costumes esquecidos; mas o leitor apreciará o merito e a utilidade da obra, lendo os titulos de alguns d'esses capitulos:

De como Minerva gerou o Dragão. — Baccho era andrógyno ou hermaphrodita? — Homero era Egypcio. — Da sua morte em Arcadia.

A tal ponto chegava o grau de puerilidade em que haviam cahido as occupações do espirito.

Emfim, sob o reinado de Andronico, a filha de Theodosio, grande logotheta do imperio, exercitou-se na poesia, na metaphysica e na philosophia. Nicephoro Gregoras, que conservou, ou antes sepultou na sua historia, um fragmento das lucubrações de Irene (assim se chamava ella) compara-a com Platão e Pythagoras. «O seu genio, diz Gregoras, derramava torrentes de luz sobre as questões mais intrincadas. O seu estylo era castiço e attico como o das matronas de Athenas.» O leitor vai julgar d'essa pureza e d'esse decantado atticismo; convirá em que Nicephoro foi um critico demasiado indulgente para com a sua discipula, e que sem duvida se deixou deslumbrar pelo titulo de *Panhypersebasta* que Irene tinha, e que a fazia digna de *uma veneração completa e exaltada*, se é que essa palavra grega significa alguma cousa. A *Panhypersebasta* dirige-se a seu pae que volta a casa meditabundo e afflicto:

«Será talvez a vossos olhos um signal de impertinente audacia, e de incontinencia juvenil, e ainda me atreverei a dizer de pueril temeridade, ó meu pae, que uma filha adolescente fale com liberdade ao auctor dos seus dias; que aquella cuja lingua mal se soltou, fixe um olhar impudente sobre o olympo da vossa grande sabedoria. Mas, a turbação do vosso rosto, a paralysia dos vossos raciocinios e a fixidade dos vossos olhos, denotam que a vossa alma chegou ao zenith da dôr, que a acropole do vosso coração se acha presa do pesar... (1).»

E segue d'este modo, durante tres paginas de metaphoras, o mais longamente ennovelladas e contorneadas com o maior absurdo. Se as bellezas byzantinas tinham o costume de empregar esta maneira de eloquencia na sua vida privada, não podemos deixar de nos compadecermos dos seus paes, dos seus maridos e dos seus filhos.

De todos os modos estes trechos, ridiculos ou despidos de valor intrinseco e apparente, são caracteristicos do tempo em que foram produzidos. De lamentar é que em todas as epochas, em todos os povos, não consignassem as mulheres as suas lembranças e observações ou escrevessem as suas Memorias. Mil matizes, mil primores na expressão do pensamento de que estamos alheios seriam comprehendidos e eternizados por ellas. A historia não se completou, os annaes da humanidade só adquiriram o seu verdadeiro desenvolvimento desde a emancipação das mulheres pelo christianismo. Antes da era christã não se atreviam a apresentar-se em scena e fazer ostentação do seu genio, a não ser que abandonassem todo o recato, e proclamassem ao mesmo tempo, como Sappho e Aspasia, o menosprezo do pudor e a idolatria do deleite. Em vez de lançar á posteridade algumas notas sublimes de delirio e de amor, que no naufragio dos seculos se dispersaram e perderam, Sappho, submettida ao influxo da civilização moderna, ter-nos-hia dado a historia intima e minuciosa d'aquella vida cheia de paixão que lhe accendeu o espirito. Teria pintado n'um vasto quadro os seus contemporaneos juntamente com a sua propria figura. E quem não conservaria preciosamente semelhantes revelações, se as podesse arrancar ao abysmo da antiguidade? quem não daria em troca todos os escholios e todos os commentarios, todas as anthologias e compilações de epigrammas? Se por ventura cahissem em nossas mãos as confissões de Aspasia, ou o diario escripto por Corinna, lamentariamos acaso a perda das orações sophisticas de Isocrates ou dos desvarios de Heraclito sobre a formação do globo?

Francisco d'Almeida.

(1) Ann. Byzant. Niceph Gregor. 1, II.

O INFANTE D. FRANCISCO

APRECIADO NA SUA CORRESPONDENCIA INEDITA

1726

(Continuado do n.º 201)

IV

Obras pias do infante D. Francisco

A piedade dos nossos reis e, em geral, *a dos nossos maiores* é um d'esses axiomas historicos de que não podiam deixar de se encontrar provas superabundantes n'esta minuciosa correspondencia. Citarei algumas.

Temos primeiramente, 480$000 réis, para obras na egreja da Atalaya.

Copia do decreto de s. a. de 20 de junho de 1726.

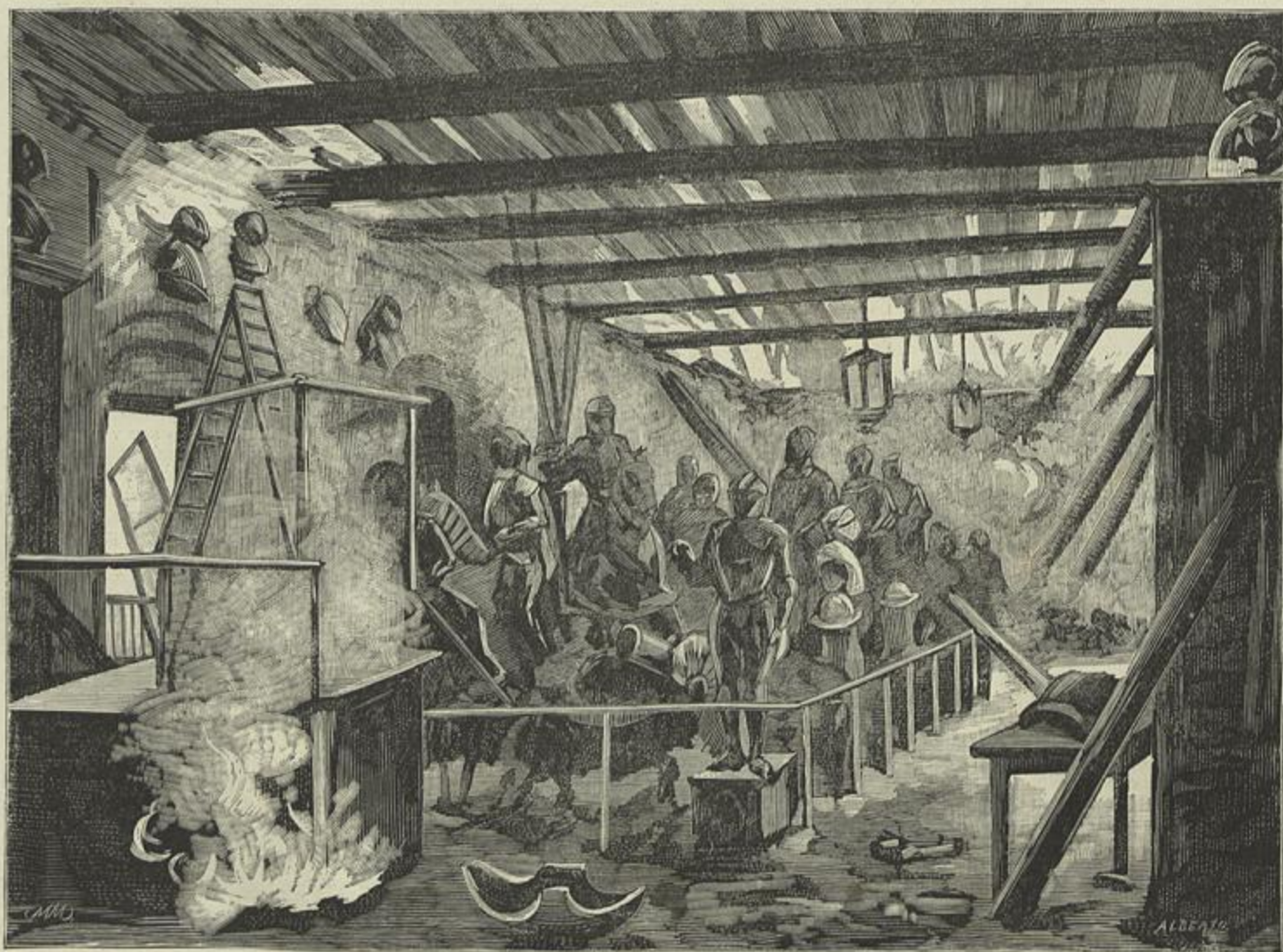
«O thesoureiro de minha casa, Francisco Xavier Curvo Semedo, ou quem pelo tempo adeante em seu logar servir, entregará mais ao dr. Domingos Raphael Diniz, procurador da minha fazenda, um conto cento e quatro mil réis, que tantos mostra estarem para despender-se de ordens minhas pela fórma seguinte — a saber, quatro centos e oitenta mil réis com as obras que mandei fazer na egreja de Nossa Senhora da Atalaya, sita no termo de Aldeia Gallega, sendo arrematantes das mesmas os mestres pedreiro José Freire e o carpinteiro Manuel Coelho, ambos d'estas cidades. Etc.»

Mais duzentos paus de castanho para a egreja do convento da Esperança, de Lisboa.

Copia de duas cartas do conde de Aveiras para Rodrigo de Sá de Mendonça, almoxarife de Dornes.

O PROFESSOR JOSÉ JULIO RODRIGUES (Segundo uma photographia de Camacho)

«O serenissimo senhor infante D. Francisco, que Deus guarde, ordena que v. m.cê em algum minguante das luas do mez de outubro proximo que vem em deante mande cortar mais nas mattas do almoxarifado de Chão do Couce duzentos paus de castanho, por uma vez somente, que hajam de emmadeirar de 28 até 30 palmos, dos quaes o dito senhor infante faz mercê á abbadessa e religiosas do convento da Esperança d'estas cidades: entendendo v. m.cê que os ditos paus hão de ser cortados a eito nas referidas mattas e por officiaes que tenham bom conhecimento d'esta diligencia, assistindo v. m.cê a ella, e que os sobejos que restarem dos sobreditos paus se hão de dar ás mesmas religiosas, quando os queiram mandar desfazer em ripa, e não os aproveitando n'este ministerio v. m.cê mande então officiar a tal ripa por conta da fazenda de sua alteza, sobre o que fará aviso, assim para se dar providencia ao pagamento da despeza que importar, como para haver de remetter-se a mesma ripa ao almoxarifado de Samora Correia; e a presente ordenará v. m.cê se registe nos livros d'aquelle almoxarifado. — Deus guarde a v. m.cê muitos annos. Lisboa Occidental, a 25 de julho de 1726. — O conde de Aveiras, D. Duarte. — Sr. Rodrigo de Sá e Mendonça.»

A segunda carta escripta nos mesmos termos e data da antecedente manda cortar tambem duzentos paus de castanho nas mattas de Chão do Couce para a egreja do mosteiro de Nossa Senhora da Soledade, da ordem da Santissima Trindade, de Lisboa.

INCENDIO DA REAL ARMERIA DE MADRID — Aspecto do salão principal

BELLAS-ARTES

A PRIMAVERA — Quadro de Alfredo Keil, pertencente a S. M. El-rei D. Luiz
(Desenho do mesmo auctor)

Outra carta, de 3 de agosto, manda entregar mais quatrocentos paus de castanho á abbadessa e religiosas da Madre de Deus, d'esta cidade, para os reparos de diversas officinas e dormitorios do seu convento.

Finalmente, tambem consta d'este registo que o infante D. Francisco deu n'este anno a esmola de doze mil réis em metal ás religiosas capuchas de Santo Crucifixo, em Lisboa, e quinze traves de carvalho *ao ministro e mais irmãos da ordem 3.ª de Xabregas, por cuja administração corre a fabrica e fundação da egreja do Menino Deus d'estas cidades.*

As rendas do almoxarifado de Chão de Couce davam por arrematação 1:500$000 réis todos os annos e duas arrobas de cera livres para a fazenda do infante.

V

O throno e o altar á bulha

O zelo do infante pelas cousas da religião era com effeito muito grande, como acabamos de ver, mas não excedia o que elle tinha pelas propriamente suas, pelos seus direitos, prerogativas e privilegios. Por esse motivo até levantava conflictos com os ministros da egreja.

O bispo da Guarda e o vigario geral de Castello Branco tinham infringido as jurisdicções competentes ás commendas de D. Francisco, por occasião da cobrança dos dizimos, aggravando o seu irregular procedimento com censuras e outras comminações ecclesiasticas. E o bispo de Tagasto fôra ainda mais longe no abuso da sua jurisdicção, mandando excommungar e prender os officiaes do almoxarifado da Castanheira.

O infante reagiu energicamente contra todos. Os documentos expedidos da sua secretaria sobre este incidente são na verdade muito dignos de ler-se.

Copia de uma carta do conde de Aveiras para o bispo da Guarda.

«Ao serenissimo senhor infante D. Francisco, que Deus guarde, dão conta o almoxarife da commenda d'essa villa e o procurador da mesma commenda, o licenciado Manuel Pereira da Silveira, representando ambos que v. ill.ma pelo seu arcipreste mandava novamente nomear um terceiro ou prioste que haja de assistir tambem á cobrança dos dizimos que a sobredita commenda tem n'essa mesma villa e seu districto. E que d'esta novidade assim mandada praticar, acompanhada de censuras e de outras comminações ecclesiasticas, resultava evidentemente a infracção e quebramento das jurisdicções competentes á mencionada commenda e aos estylos e posses em que sempre estiveram os seus donatarios ou commendadores, e consequentemente por este numero o dito senhor infante. Ao que havendo respeito, é servido se encommende a v. ill.ma mande attender a esta materia, e que o arcipreste não prosiga em um semelhante attentado, e que quando v. ill.ma tenha queixa do procedimento de algum dos priostes o fará sua alteza advertir e emendar, ou se v. ill.ma tiver alguma sentença contraria a esta ponderação, mandando fazer presentes as clausulas e forças d'ella, procurará se tome á sua vista um expediente tal que bem poderá acontecer que v. ill.ma sem a inquietação de pleitos venha a conseguir o proprio fim a que agora se encaminharem as suas diligencias. E para servir a v. ill.ma me offereço sempre com a maior e mais prompta vontade. — Deus guarde a v. ill.ma muitos annos. Lisboa Occidental, a 25 de julho de 1726. Maior amigo e fiel captivo de v. ill.ma — O conde de Aveiras, D. Duarte. — Ill.mo sr. bispo da Guarda.»

Copia de uma carta do conde de Aveiras para o Bispo de Tagasto.

«Ao serenissimo senhor infante D. Francisco, que Deus guarde, vem agora queixar-se os officiaes do almoxarifado da Castanheira de que v. ill.ma os mandava excommungar e prender por cobrarem os oitavos de um clerigo d'aquella villa ou da de Povos que já o anno passado não os quiz pagar, servindo de exemplo a sua liberdade para persuadir a que todos os mais a sigam com semelhante repugnancia. O que supposto, ordena sua alteza se lhe diga logo a v. ill.ma se lhe faz muito novo este seu procedimento, e que a jurisdicção de v. ill.ma seja a causa fundamental para se distrahirem e alterarem as cobranças das suas rendas n'aquelles povos; ao que attendendo, manda remetter a v. ill.ma as duas petições inclusas para que, em attenção ao seu serviço e á justiça que contém, encaminhe de sorte o despacho d'ellas que possam as pessoas declaradas nas mesmas mostrar a sua defeza e o justo procedimento com que obraram e obedeceram no caso de que se trata, sendo incontroverso que na opposição a elle por v. ill.ma se faz força e violencia ás jurisdicções da corôa e consequentemente ás da serenissima casa de sua alteza, o que v. ill.ma parece deve evitar, e para obedecer-lhe estarei sempre com a maior vontade. — Deus guarde a v. ill.ma muitos annos. Paço da Côrte Real, a 2 de outubro de 1726. Maior servidor de v. ill.ma — O conde de Aveiras, D. Duarte. — Ill.mo sr. bispo de Tagasto.»

Copia de uma carta do conde de Aveiras para a Junta.

«Sua alteza, que Deus guarde, havendo-se-lhe feito presente a usurpação da jurisdicção, a que se tinham elevado de poucos tempos a esta parte o vigario geral do bispado da Guarda e o arcipreste da villa de Castello Branco, contra as apresentações e exercicio dos priostes ou terceiros que se nomeiam pelo almoxarife que o dito senhor tem n'aquella villa para a cobrança dos dizimos da commenda de que é donatario, em o que se presume vehementemente ir influindo e ingerir-se o bispo da mesma cidade, affectando uns e outros o alterarem as doações e posses em que sua alteza se acha; e sendo-lhe tambem presente que a requerimento do procurador da fazenda da sua casa se havia tirado monitorio do juiz conservador das ordens, para que cada um dos sobreditos fosse notificado a que se não intromettesse nem embaraçasse as referidas posses em que a commenda estava, e prevenindo-se a sua alteza de que os notarios apostolicos a quem ia encaminhado o fazerem as mencionadas notificações não dariam o necessario cumprimento por contemplação do sobredito bispo, e como então seja preciso que ellas se expeçam pelos escrivães das jurisdicções seculares: ordena sua alteza que a Junta escreva ao corregedor da Guarda, Antonio de Figueiredo Cardoso, e ao de Castello Branco, Antonio Freire de Andrade Henriques, para que cada um no seu districto, por qualquer dos escrivães de ante si, mandem logo notificar aos acima ditos arcipreste e vigario geral, na fórma do monitorio que deve apresentar-se, recommendando-se-lhes muito a brevidade e expedição d'esta tal diligencia, e que d'ella farão dar as certidões necessarias, assegurando-os de que sua alteza haverá particular attenção ao serviço que n'isto lhe fizerem. Samora Correia, a 27 de novembro de 1726. — O conde de Aveiras, D. Duarte. — Para a Junta da casa e estado do infantado.»

(Continúa) *Alberto Telles.*

JOSÉ JULIO RODRIGUES

O retrato que illustra hoje uma pagina do OCCIDENTE é o de um trabalhador util, que creou no estudo e na sciencia uma individualidade proeminente.

Se o não tivessem assignalado já os seus trabalhos chimicos, a sua reputação de professor insigne, bastariam para o elevar á plana dos nossos primeiros homens de sciencia essas sete conferencias publicas feitas, ha pouco ainda, no salão da Trindade. Os simples titulos d'ellas: *A chimica dos pobres, A vida e o microbio, Coisas portuguezas, O Universo, Os cinco sentidos, O cholera,* denunciam o trabalhador infatigavel, o erudito profundo, para quem não está vedado nenhum dos campos da sciencia e que tem ao fundo do seu gabinete de trabalho uma panoplia formidavel, onde se encontram as armas de todos estes com-

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 202)

V

Os parentes ricos

Á noite estava extenuado.

D. Perpetua ao vel-o d'aquelle modo chegava a receiar que tivesse alguma doença, e não cessava de exclamar:

— Ai! quando acabarão estas malditas obras?!

Mas passado certo tempo os operarios começavam a despedir-se.

Este facto coincidia de certo modo com alguma das visitas extraordinarias do negociante retirado, e inquisilava fortemente o papá Gilberto.

Já não era então o mano rico a lembrar-lhe o que havia de deitar a baixo; era elle, elle mesmo de motu proprio e por sua alta recreação, desculpando-se com esta phrase: «já que estamos com as mãos na massa», cuja elasticidade ameaçava ser eterna.

O mano rico ao contrario de Gilberto, torcia-se agora, sempre que elle falava de novas obras.

Não estava nunca de accordo.

Era exquisito.

Os operarios tambem lhe abanavam as orelhas.

Era até espantoso!

De ordinario elles em se mettendo n'uma casa a ganharem com o seu compaço o seu jornal, fazem-se marralheiros e custa os olhos da cara, vel-os a gente pelas costas.

Pois com Gilberto não succedia assim.

Iam-lhe desapparecendo pouco a pouco, á formiga, sem a minima attenção.

Despediam-se á franceza, depois de receberem a feria ao sabbado.

Que demonio de conspiração seria aquella?

Não seria o seu dinheiro tão bom como o dos mais?

Consultava D. Perpetua, consultava os seus botões, consultava a secretaria da sua repartição, mas não atinava com a explicação de semelhante facto.

Deparou-lh'a o acaso.

Foi o mais reles dos trabalhadores, um sorna que não fazia nada com geito, que andava sempre a cair de lazeira, que pedia licença ao pé direito para levantar o pé esquerdo, em fim um grande marralheiro que não valia mesmo uma pitada de tabaco.

Pois até esse se despediu!

Com a fortuna! Gilberto ficou abysmado.

— Para onde vaes tu então, quem diacho te quer?

— Eu vou com os outros, respondeu o trabalhador.

— Mas para aonde, para aonde vão vossês?

— Vamos para o mano do senhor. O patrão ha de desculpar, mas elle dá trabalho todo o anno e...

— Então para que vieram para cá?

O sorna deu mil voltas ao barrete, coçou a herrissada guedelha e respondeu sorrindo:

— E que houve lá uma quebrazita... e por isso viemos aproveitar este ganchito.

Gilberto pagou-lhe e pôl-o na rua.

Mas o inverno estava á porta, e as obras por concluir.

Se fosse com outra pessoa estourava de veras, mas com o mano que remedio tinha senão leval-o com maneiras

Tirou-se dos seus cuidados e foi expor-lhe humilde e urbanamente a situação critica em que o deixava.

— Ora essa, mano, o que combinámos nós? Eu mandei-lhe os meus operarios para os entreter por alli uma ou duas semanas; se soubesse o que havia de succeder não lh'os mandava.

Gilberto sentia-se sobre brazas.

Mas que saída aquella! que descaro! confessar-lhe mesmo nas bochechas que afinal de contas o que elle queria era segurar os operarios para quando precisasse d'elles, sem dispender vintem, tal qual como arranjar a pensão ao Thiago — á custa alheia...

E o seu rico dinheiro a arder!

E a sua casa n'uma fôna!

E a sua cabeça a razão de juros!

Ora o que precisava um patife assim?

E d'ahi que difficuldade para arranjar operarios!

batentes modernos, os revolucionarios do pensamento, os batalhadores do progresso.

Do que se não faz idéa, porém, sem ouvir falar José Julio, é da eloquencia facil, precisa, mathematica, se é possivel approximar estes termos, da exposição ao mesmo tempo simples e elevada, substanciosa e elegante, com que o illustre professor expende as suas idéas, que os eruditos escutam, instruem os profanos e agradam a todos. Para calcular o interesse com que é escutada a palavra de José Julio, basta olhar para os seus auditorios, em que entra sempre um numero avultado de damas. Porquê? Pois não estarão voltadas as attenções das nossas sympathicas compatriotas senão para a origem do microbio e para a sua vasta genealogia? Para lhes concentrar os pensamentos, que com tão pouco ás vezes se contentam, não será o Universo uma coisa grande de mais? E comtudo eram esses assumptos que ellas iam escutar religiosamente, os olhos fixos no prelector, abafando quasi a respiração, com medo de perderem algumas das palavras d'elle. É que o poder de repassar essas palavras de erudição, involucrando-as ao mesmo tempo na fórma a mais attrahente, na linguagem a mais pittoresca, poucos o possuem como José Julio. N'esse estylo facil, passam, como já n'outra parte escrevemos, em utopias soberbas de phantasistas e em imagens brilhantes de poetas, as suas generalisações de homem de sciencia.

Se elle falasse em Paris, de uma das cadeiras da Sorbonne, devia ter a applaudil-o o mesmo publico illustrado e o mesmo publico feminino que vae acclamar Caro nas suas celebres conferencias sobre philosophia Como aquelle homem de sciencia, vasto e elegante, tem os encantos da linguagem e as subtilezas do pensamento, tem o imprevisto das imagens e a ultima palavra do progresso scientifico, tem, emfim, idéas a trasbordar, para repartir com bizarria pelos sabios e pelos curiosos.

Em Portugal ha um interesse palpitante pelas conferencias publicas, quando para fazel-as sobem á cadeira homens d'este valor. Todos se lembram d'essas prelecções sobre vinhos do professor Antonio Augusto de Aguiar, que não despertaram menos interesse, nem tiveram menos utilidade do que estas.

O que d'aqui se infere é que não ha assumptos aridos quando lançam mão d'elles homens de provada capacidade, com uma costella de sabios e uma costella de artistas, um pouco femininos pelo sentimento depurado, fortes pelas locubrações do cerebro, homens como estes, que tornam vegetativo e florescente o terreno mais baldio, que limam com as maiores elegancias da fórma as maiores asperezas da sciencia, e que despertam sempre o mesmo interesse crescente, quer tratem dos microbios do cholera, quer analysem os vinhos da Bairrada!

Em França, em Inglaterra, avultam os nomes d'estes homens eminentes: é Charcot expondo a centenas de ouvintes as suas theorias e as suas experiencias sobre o systema nervoso, o hypnotismo, etc.; é Flammarion contando n'uma linguagem arrebatadora, como o assumpto, as suas theorias sobre a organisação do Universo, a vida dos planetas; é o padre Didon combatendo em publico o Materialismo com admiravel coragem e com vasta sciencia; é Dickens lendo os seus adoraveis contos a auditorios numerosos, avidos de o escutar; é Look explicando o darwinismo e ampliando as doutrinas do mestre; é um sem numero, emfim, de revolucionarios pacificos, que, depois de terem semeiado idéas pela palavra escripta, mais profunda, mais rigorosa, mais academica, vão espalhar por meio de discursos e de conferencias, em que ha a attracção da linguagem, em que o sentimento se põe mais em contacto entre o ouvinte e o orador, innovações arrojadas, theorias modernas, conhecimentos utilissimos para a educação do espirito.

Aqui houve dois periodos que já agora ficarão memoraveis, em que subiram á cadeira de conferentes homens illustres, como Ramalho Ortigão, Theophilo Braga, Pinheiro Chagas, Vasconcellos d'Abreu, Latino Coelho, Conde de Ficalho, Consiglieri Pedroso, Adolpho Coelho e outros muitos nomes laureados nas lettras e nas sciencias.

Esses periodos foram os dos centenarios de Camões e do marquez de Pombal. Passaram e com elles o enthusiasmo, que produziu não só algumas conferencias notaveis, como a iniciativa d'ellas. É por isso que consideramos digno de maior louvor, que muito tempo depois, sem um d'estes movimentos apparentes que as suggerissem, um homem illustre pela intelligencia, pelo saber e pela posição, inaugure com attrictos de toda a ordem essas bellas conferencias scientificas, sem outro interesse que não fosse o de espalhar pelo publico idéas, que elle agradeceu acclamando com enthusiasmo, n'um cortejo de triumpho, o benemerito conferente.

*
* *

Os traços biographicos que costumam acompanhar sempre o retrato do biographado, não os conhecemos. Não quizemos mesmo indagal-os, porque nada nos parece mais inutil, quando uma individualidade sobresahe pelo trabalho proprio e pelo nome conquistado na lucta.

Os pergaminhos, se os ha, anniversarios illustres de familia, só servem para algum trapeiro das lettras que ainda consiga vender isso na feira. Tenha ou não estes accessorios, não precisa d'elles José Julio, porque a base em que elle assentou o nome que hoje tem chama-se apenas: intelligencia e trabalho.

Do seu caracter não sabemos senão que desafia os mais impollutos e que ao valor do homem de sciencia corresponde a seriedade do homem de familia.

Jayme Victor.

RESENHA NOTICIOSA

Festa de caridade. Para occorrer ás despezas de reconstrucção das barracas incendiadas dos pescadores de Caparica, realisa-se na noite de 12 do corrente um grande concerto, na esplanada dos Recreios.

Tomam parte n'este concerto as bandas de caçadores 2, infanteria 1, 5, 16 e guarda municipal, que generosamente se offereceram, e que além de um escolhido reportorio que cada uma executará separado, tocarão todas reunidas em um grande coreto, expressamente construido, a marcha do *Propheta*, e a ode symphonica, do sr. Manuel Antonio Correia, *Uma festa na aldeia*.

Com este auxilio e outros que expontaneamente tem concorrido, é de esperar que se remedeie a desgraça de que os pescadores de Caparica foram victimas.

Cholera morbus. As ultimas noticias, mostram a epidemia em grande decrescimento no sul da França, em algumas cidades dos departamentos da Provença e do Languedoc, onde a estatistica regista presentemente menor numero diario de casos fataes em todas, do que ha vinte dias registava só na cidade de Marselha. Infelizmente tem-se dado alguns casos na Alta Italia, e mesmo em outras partes do interior da França, verificando-se que elles se tem manifestado, em geral, nos fugitivos das terras francezas, invadidas pelo flagello. É de esperar que em vista da attitude energica que todas as nações tem tomado, até a Inglaterra, a mais resistente e opposta a taes meios prophylacticos, hoje reconhecidos como os unicos proveitosos, a epidemia se não propague, apesar da temperatura elevada, que ultimamente temos tido que supportar. Em outro logar vão mencionadas as *Instrucções de prophilaxia individual, contra o cholera*, publicadas e mandadas distribuir pela benemerita *Sociedade de sciencias medicas de Lisboa*, que devem ser seguidas não só agora, mas permanentemente por todos aquelles que estimam a sua saude, a das suas familias e dos seus compatriotas.

Zaire. Continua a affirmar-se que vae reunir-se uma conferencia em que tomarão parte a Inglaterra, Allemanha do Norte, França, Portugal e Belgica, para regular os negocios do *baixo Congo* ou Zaire. Indigita-se já como representante de Portugal, o sr. A. Serpa, que foi o primeiro e principal negociador do mallogrado tratado com a Inglaterra. Como elemento tranquillizador assegu-

---

— Mas ó mano olhe que agora vem as chuvas e eu tenho parte da casa destelhada, vae chover-me n'ella como na rua.

Protectoramente o mano rico respondeu-lhe:

— Agora tenha paciencia, não se mettesse em camisa de onze varas. As coisas não se fazem no ar. Quanto ao telhado ponha-o de telha vã, e o mais que lhe posso fazer é dispensar-lhe para esse trabalho o José Pequeno e o Manuel da Arruda.

E pondo-lhe as mãos nos hombros disse-lhe como quem tinha a consciencia de quem lhe fazia um grande favor.

— Vá, vá, que sou amigo.

— Obrigado mano, obrigado, mas n'outra não caio eu.

Vans promessas.

Caiu n'esta e estava sempre a cair n'outras sem que encontrasse maneira de se corrigir.

A ultima licção é que foi de mestre!

Um tio seu, capitalista portuense, escreveu-lhe um dia n'estes termos:

«Meu caro sobrinho. Vae a Lisboa tratar de uma liquidação importante o visconde da Varzea Grande a quem acreditará á minha ordem saccando immediatamente sobre a nossa firma. Peço-lhe que dispense ao visconde todo o favor com que distingue seu tio e amigo. — Tavares.»

Gilberto teve á exposição esta carta na secretaria, e andou a mostral-a de porta em porta por casa dos parentes ricos.

O tio Tavares era para elles como que um idolo, uma especie do bezerro de ouro que os Israelitas adoraram na ausencia de Moysés.

Recebeu de todos sinceras felicitações.

Alguns chegaram a offerecer-lhe os seus capitaes, pondo á disposição a sua bolsa e a sua firma. Risonha e triumphantemente poude graças a Deus dispensar taes favores.

Chegou o visconde e Gilberto foi esperal-o, hospedou-o em sua casa, deu em sua honra dois jantares de deitar a prateleira a baixo, um baile de que nunca até então houvera memoria na familia, baile que terminou de manhã, tendo havido exhibição de sombrinhas, organisadas pelo mano Manoel, servindo-lhe de auxiliar o tio João, sortes de cartomancia, e physica recreativa, modinhas brazileiras, canções heshanholas, emfim tudo quanto podesse tornar breves e saudosas as horas de uma noite cheia, as recordações de um festim memoravel. de um sarau excepcional e pomposo.

Gilberto botou farda, D. Perpetua vestido novo, um primor que assombrou as cunhadas pobres, e deixou as cunhadas ricas de cara a banda, os manos João e Manuel, porque tinham de tomar parte na festa estrearam fatos novos feitos a credito no alfayate de Gilberto, o que os deixou empenhados para toda a vida; emfim nada se poupou nem esqueceu que podesse contribuir para o completo luzimeuto d'estes festejos feitos na pessoa do visconde ao tio capitalista, ao cheiro do testamento do qual andavam todos elles, ricos e pobres, por egual interessados.

Foram duas semanas que passaram mais breves do que dois dias, um regalorio, um brodio completo.

D'ahi que de castellos no ar!

O visconde era como um astro que ninguem se atrevia a fitar com receio de um deslumbramento fatal.

Apenas lhe serviam de satelites, primeiro que todos Gilberto com a sua commenda, depois seu excellentissimo mano Anacleto da Costa Maldonado e Serpa da Silveira Magalhães, com a sua carta de conselho, e o negociante retirado com toda a sua prosapia de philantropo dinheiroso.

Mais ninguem!

Acompanharam-n'o por toda a parte.

O visconde era como um cometa de trez caudas seguido por aquelles cicerones gratuitos e obsequiadores a mais não ser.

Os demais parentes só de longe se atreviam a observal-o, a distancia respeitosa, espreitando pelas fendas das portas, fugindo em retirada e nos bicos dos pés para não fazer bulha mal elle se approximava.

Entre si fallavam a respeito do visconde, calculando que proveito poderiam tirar d'elle, da sua influencia junto dos ministros, do seu valimento no paço, na sua qualidade de titular e cortezão.

Era excellente a occasião de se empregar o mano Manuel, e deixar por uma vez de fazer caixinhas, e as mulheres applaudiam.

O mano João tambem poderia obter melhoria de reforma.

Isso era uma pechincha!

O caso estava em o visconde querer, bastava uma palavra sua.

O mano Gilberto é que podia fazer o milagre.

D. Perpetua encolerisava-se

Ora que o seu homem havia de ser sempre o pae das ancias! Parecia não haver no mundo mais ninguem! Porque não iam pedir ao mano conselheiro? Nada, era sempre Gilberto que andava para tudo na cabeça do rol.

(Continúa)

Leite Bastos.

ra-se que a conferencia se não occupará da questão da soberania, naturalmente porque os diversos paizes não tem o desplante da Inglaterra, que disse n'um documento official, que não estava convencida do nosso direito! Seja porque motivo fôr, se tal conferencia se propuzer, parta a iniciativa d'onde partir, Portugal, se acceder a concorrer a ella, deve fazel-o, reservando todos os seus direitos de prioridade, soberania e posse, e a independencia que lhe compete em todos os seus actos, sobre os territorios que formam e sempre formaram parte dos seus dominios.

O QUE FAZ A INGLATERRA E O QUE NÃO PODE FAZER PORTUGAL. Portugal não póde administrar as suas colonias, sem que venha a Belgica, a Inglaterra, a França e até agora a Allemanha, disputar-lhe os terrenos, impedir-lhe a sua acção, e até cercear-lhe o direito de impôr taes e taes tributos; a Inglaterra, quando lhe parece, salta n'uma costa qualquer e declara, como o fez agora ao norte de Zanzibar, que annexou a si esses territorios. Um bello dia annexou a si o Transvaal mas ahi ao menos, teve, passado tempo, que recuar. Um dia (e ainda não se fez d'isso uma caricatura!) era em 1811, a algumas leguas da ilha de S. Miguel rebentou um vulcão e surgiu do mar um ilhote; estava ancorada no porto a fragata *Sabrina*, o commandante dirigiu-se logo áquelle ponto, afim de tirar um esboço e logo que poude, saltou em cima da nova ilha e tomou d'ella posse em nome da Inglaterra, pondo-lhe o nome de *Sabrina*. Isto nas aguas dos Açores era um attentado, mas a natureza encolhendo pouco a pouco a ilha, e reduzindo-a ás proporções d'um banco submarino, fez como que uma surriada ás pretenções britannicas. Pena é que não lhe succeda coisa similhante nas diversas paragens que vae occupando.

REUNIÃO DE INSULANOS. A colonia insulana em Lisboa, durante muitos annos dispersa, tem dado n'estes ultimos annos signal de actividade e energia. Ainda ha pouco teve varias reuniões com o fim de representar ao governo sobre a doka da ilha da Madeira, e isempção dos direitos do carvão e outros artigos nos dois archipelagos da Madeira e Açores e está a organisar-se para se constituir em associação forte e regular. Ha dias, tendo apparecido nos jornaes uma noticia, de que os fabricantes de aguardente de cereaes do Porto iam representar ao governo para que a aguardente dos Açores pagasse um direito forte, e o milho d'estas ilhas, fosse tributado como cereal estrangeiro, foi convocada a colonia pelo nosso director o sr. Brito Rebello, que tem presidido a todos os actos d'ella afim de se protestar contra aquella pretenção. A commissão eleita para esse fim, considerando que aquelle acto é tão insolito e inepto que não podia ter resultado sem a annullação de varias leis, do Codigo Commercial e até de algum artigo da Carta Constitucional, resolveu, conservar-se vigilante, aguardar os acontecimentos, e obrar, em presença d'elles, como fôr necessario; isto em quanto não estiver definitivamente constituida a sociedade.

PALACIO REAL DE ATHENAS. Por um telegramma chegado ha poucos dias se sabe que ardeu, ficando completamente reduzido a cinzas o palacio real, onde na capital habitavam os reis da Grecia. O palacio era de bella construcção, e nos trabalhos de extincção do incendio morreram 4 soldados queimados, 10 asphyxiados e ficaram 8 feridos.

REI DOS BELGAS. Affirma-se que este soberano irá a Paris durante o mez corrente. O que elle vae fazer não se sabe, comtudo depois da vinda de Stanley á Europa, depois das declarações dadas nas camaras inglezas, e depois da especie de convenio feito entre a *Sociedade internacional africana* e a França, é muito natural que a sua viagem tenha por objectivo os negocios do Zaire.

HENRIQUE LAUBE. Falleceu este notavel homem de letras, auctor dramatico muito estimado e festejado em toda a Allemanha.

ESTATUA DE GEORGE SAND. A Academia franceza deliberou não se fazer representar no acto da inauguração da estatua levantada a esta grande escriptora, sob o pretexto de que ella fora a inventora do romance deleterio, que invenenou e corrompeu muitos corações. Com quanto alguns jornaes applaudam a Academia pela sua resolução, nós prefeririamos ter escripto uma ou duas obras da imminente escriptora, do que sermos auctor de muitas das de alguns membros da Academia.

MANUEL FERNANDES THOMAZ. A Associação escolar *Fernandes Thomaz*, tomou a iniciativa de um cortejo civico ao tumulo do grande cidadão, e patriota liberal d'aquelle nome, — que se eleva modestamente no cemiterio occidental, — no dia 24 do corrente, data da revolução liberal do Porto, que proclamou em Portugal a monarchia constitucional. Fernandes Thomaz foi homem de sãos principios, raciocinio recto, e moderação inabalavel, é por isso que nem elle, nem Ferreira Borges, nem Borges Carneiro, nem os outros grandes homens d'aquelle tempo pensaram nunca em estabelecer a republica em Portugal. Ao grande e honrado patriota são devidas todas as homenagens, pelos liberaes de todas as côres e muito mais pelos monarchico-constitucionaes de quem se pode dizer, é o fautor.

EXPOSIÇÃO AGRICOLA — A ABEGOARIA (Desenho do natural de Christino)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

INSTRUCÇÕES DE PROPHYLAXIA INDIVIDUAL, *contra o cholera asiatico*, julho de 1884. — Lisboa, Typ. de Chrystovam Augusto Rodrigues, 1884. — 4.º de 21 paginas. — Em presença do flagello, que invadiu a França e que, felizmente, vae em decrescencia, todas as auctoridades e corpos scientificos de Portugal, procuraram os meios de evitar a entrada da epidemia no paiz, ou de lhe minorar os effeitos, caso chegasse a desenvolver-se n'elle. A Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, com a alta competencia scientifica que possue e no desempenho do mais elevado dever humanitario, reuniu e publicou este opusculo, onde em vinte prescripções ou conselhos, se encerra tudo o que de mais importante a sciencia tem estudado, para prevenir o mal, ou minorar os seus effeitos devastadores. É um bom serviço, e aquelles sabios conselhos, que a occasião presente fará adoptar, deviam ser seguidos sempre e invariavelmente

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E ESCRIPTORES PORTUGUEZES, *fundada em 10 de junho de 1880, 1.ª serie, n.º 2. Julho de 1884.* Lisboa, Typ. de E. Rosa, 150, Rua Nova da Palma. — Contem artigos dos srs. J. Miguel dos Santos, *Pour nos confrères de l'étranger;* dr. Baldy, *N'um passeio ao Jardim Zoologico e de Aclimação;* Zepherino Brandão, *A primeira exposição industrial na Europa;* E. A. Vidal, *Locuções e vocabulos portuguezes;* J. Cesar Machado, *D. Magdalena de Vilhena;* M. Ferreira Ribeiro, *A Rodrigues Sampaio e a sua epoca;* J. M. de Cunha Seixas, *Joaquim José Annaya;* Candido de Figueiredo, *Garrett; Expediente.*

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, por Eduardo Freire de Oliveira. — Publicou-se o fasciculo 28 que continúa a insersão do Alvará de 16 de maio de 1514, relativo á procissão do Corpo de Deus, sendo a maior parte do fasciculo preenchida por uma extensissima nota, já começada no antecedente, com a explicação de muitas particularidades relativas a essa fastosa procissão, — verdadeiro acontecimento e festejo nacional durante seculos, — com muitos documentos relativos a essas particularidades.

CORRESPONDENCE MERLEY, *journal de l'Agence internationale de la presse*, n.ºs 27 e 28 do 7.º volume.

LE MESSAGER D'OCCIDENT, periodico bi-semanal, publicado em Paris, todas as quartas feiras e sabbados, continuação do *Méssager de Vienne,* que o sr. B. Wolowski publicava na capital da Austria, já vimos os n.ºs 4, 5, 6, 7 e 8.

ARCHIVO DOS AÇORES, *publicação destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana*, 1884, Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, Typ do *Archivo dos Açores.* É o n.º 27, fasciculo 3.º do 5.º volume. — Já por vezes e nomeadamente a pag. 16 e 72 do nosso presente volume, 192 do 5.º, etc., temos feito a devida justiça a esta curiosa, interessante e importante publicação, emprehendida com o maior zelo, e proseguida com a maior perseverança e infatigavel amor patrio, pelo sr. dr. Ernesto do Canto, e por isso resumimo-nos a dizer que este fasciculo encerra documentos interessantes com relação aos açorianos que auxiliaram a restauração de Portugal, na pessoa de D. João IV, cujos serviços, prestados nos Açores, no Reino, ou em outras partes são relatados. Alem d'esses encerra outros taes como: aquelles que mencionam os donativos e outros auxilios que os Açores prestaram n'essa conjunctura; um extracto de Bullas e outros rescriptos, etc., relativos aquellas Ilhas; collecção relativa aos donatarios da Ilha Graciosa, etc.

TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA — LISBOA